

**Espanhóis em São Paulo:
modos de vida e experiências de associação***

*Laura Antunes Maciel***

*Maria Antonieta Martinez Antonacci****

A exigüidade de referências sobre os espanhóis no interior do processo migratório, ou a presença e atuação do imigrante espanhol na sociedade brasileira, é uma constatação recorrente, apontada por todos os pesquisadores que trabalham com esta temática. Durante muito tempo, a historiografia brasileira circunscreveu a análise da imigração, no Estado de São Paulo, ao âmbito da produção e acumulação cafeeiras, tomando como referência e modelo explicativo os italianos – nacionalidade que mais sobressaiu em termos numéricos e culturais. Assim, as experiências concretas, bem como os traços culturais e sociais dos italianos prevaleceram sobre as dos demais imigrantes, silenciando ou mesmo desqualificando um significativo contingente populacional composto por portugueses, espanhóis, alemães, ingleses, etc.

Basta um rápido balanço na bibliografia sobre a “história da imigração” e também sobre a “história do movimento operário” no Brasil e no Estado de São Paulo, em particular, para se constatar a “ausência”, o “silêncio” ou a “invisibilidade” de outros grupos étnicos, dentre eles, os espanhóis. O leitor desavisado poderia imaginar que isso seria resultado do pequeno contingente migratório espanhol, da sua inexpressiva participação cultural e associativa, ou da ausência dos espanhóis na militância operária do início do século XX. No entanto, se considerarmos apenas as estatísticas oficiais de entrada/saída de imigrantes no Estado de São Paulo, ao longo das últimas décadas do século XIX e até os anos 30 deste, podemos afirmar que os espanhóis foram inferiores, numericamente, apenas aos

* Pesquisa financiada pelo CNPq.

** Doutoranda do Programa de História da PUC-SP

** Professora do Departamento de História da PUC-SP.

italianos, com exceção do período entre 1905 e 1914, quando a imigração espanhola predominou sobre a italiana.¹

Apesar da política imigratória no Estado de São Paulo ter se orientado no sentido de atrair mão-de-obra para as fazendas de café, através da subvenção das passagens, é certo que grandes contingentes de imigrantes acabaram por se instalar na capital, atraídos pelo seu desenvolvimento e pela oferta de empregos na indústria nascente. Uma prova disso é que a legislação estadual, baixada para regulamentar a imigração e a colonização, em 1906-7, já dispunha sobre a presença de imigrantes em outras ocupações, como jornaleiros, operários e artistas.²

Num grande salto de crescimento, a cidade de São Paulo, que em 1872 possuía apenas 23.243 habitantes, em 1900 já concentrava 10% de toda a população do Estado e, teria, em 1920, 577.621 moradores. Deste total, 35,5%, ou 205.245 habitantes, eram estrangeiros, divididos em 33 nacionalidades diferentes, entre os quais os espanhóis constituíam 24.902 pessoas.³ O aumento contínuo e intenso da população paulistana, a partir das últimas décadas do século passado, transformou a capital num grande

- 1 Cf. estatísticas de imigrantes entrados no Estado de São Paulo, publicadas nos Boletins do Departamento Estadual do Trabalho, organizados anualmente desde 1827 pela Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. No período entre 1827-1914 entraram 289.547 espanhóis em São Paulo, sendo que nos anos de 1905, 1909 e 1914 eles superaram os italianos em volume de entrada (cf. *Boletim do Deptº Estadual do Trabalho*, São Paulo, Typographia Brasil de Rothchild e Cia., 1915, pp. 7-10). Para uma análise comparativa ver: Levy, Maria Stella Ferreira. "O papel da imigração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972)". *Revista de Saúde Pública*, 8(supl.):49-90, São Paulo, 1974.
- 2 Lei 10.450 de 27/12/1906 e dec. 1.458 de 10/04/1907 art. 1. *Coleção de Leis e Decretos do Estado de São Paulo*.
- 3 Os dados para 1872 e 1900 são fornecidos por Morse, Richard. *De comunidade a metrópole*. (São Paulo, Comissão do IV Centenário, 1954, pp. 129-30 e p. 362); para 1920 ver: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. *Recenseamento Geral do Brasil, 1920*. (Rio de Janeiro, Imprensa Oficial, 1962). Conforme dados do próprio censo, existiam no Estado de São Paulo 3.530 estabelecimentos agrícolas e 127 indústrias de propriedade de espanhóis. Em 1935, uma estatística industrial paulistana indicou que os espanhóis eram donos de 245 fábricas. (Cf. Rodrigues, Jorge Martins. *São Paulo de ontem e de hoje*. Deptº de Cultura, 1938, p. 135.) Se, como afirma José de Souza Martins, o imigrante espanhol desse período estava "entre os mais pobres e os de menor mobilidade social", estes números poderiam fornecer um indicador de outra natureza apontando para a capacidade desses espanhóis, em pouco tempo, acumular dinheiro suficiente para lançar-se individualmente num empreendimento como proprietários. Ou ainda podem relativizar o peso de determinantes como analfabetismo ou profissão exercida na Espanha na escolha e construção de uma nova vida no Brasil. Martins, José de Souza, "A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força-de-trabalho na economia cafeeira: 1880-1930", *Revista de História*, 121, São Paulo, ago-dez. 1989, p. 10.

centro de produção e comércio com *status* de metrópole brasileira, estimulada também pela primeira crise de superprodução cafeeira e pela redução da imigração subsidiada, proibida pelo decreto Prinetti, que “redirecionaram o fluxo de trabalhadores para a capital”. Além disso, vale notar que no período entre 1904-18 entraram no Estado de São Paulo 695 mil imigrantes e, destes, 430 mil, ou 62% do total, vieram fora da imigração subvencionada, por conta própria e, portanto, livres para se estabelecerem onde quisessem.⁴

O crescimento da cidade chegava em 1914 a assustar o Departamento Estadual do Trabalho que, em seu Boletim, vislumbra os perigos que esse “pernicioso urbanismo” poderia causar, advertindo para a “plethora das cidades” e do “pauperismo”, causados pelas ilusórias promessas de trabalho e prosperidade que fascinavam quantidades cada vez maiores de imigrantes estrangeiros e trabalhadores rurais nacionais. De diferentes maneiras, esses imigrantes contribuíram, com sua presença e, sobretudo, com suas atividades, modos de vida, experiências e tradições, para as mudanças na paisagem urbana e cultural da cidade de São Paulo.

Apesar do número significativo de espanhóis na capital, a sua presença na cidade, ao longo do período 1890-1930, não é facilmente percebida e esta é a primeira questão que se coloca ao pesquisador: buscar os significados do silêncio sobre o imigrante espanhol e as possibilidades de sua desconstrução. A reiterada invisibilidade dos espanhóis na cidade de São Paulo talvez possa ser creditada ao tipo de fontes tradicionalmente utilizadas nos estudos sobre a imigração, ou seja, os relatórios dos órgãos estaduais voltados para colonização, como a Hospedaria dos Imigrantes, a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, a Seção de Demografia e os Boletins do Deptº Estadual do Trabalho. Considerando que estas fontes foram produzidas pelas instituições responsáveis pelo atendimento e/ou controle destes imigrantes e que tinham sua razão de ser na política imigratória desenvolvida pelo governo do Estado de São Paulo, subsidiada e voltada prioritariamente para o fornecimento de braços às fazendas de café, é compreensível que elas espelhem a “face oficial” da imigração no Estado.

Nesta documentação, os espanhóis aparecem, ao lado de outras nacionalidades, apenas como números a engrossar as estatísticas de entrada e saída, e nela pode-se encontrar algumas informações esparsas sobre a ocupação que possuíam na Espanha, se vieram sozinhos ou com a família, número de filhos, grau de instrução e principalmente qual o destino no interior do Estado de São Paulo. As análises e preocupações

4 Ribeiro, Maria Alice. *História sem fim...* Inventário da saúde pública – São Paulo 1880/1930. São Paulo, Editora Unesp, pp. 100 e 157, nota 3. Ver também: Nascimento, José Leonardo. *Trabalho e prestígio social: os espanhóis em São Paulo* (mimeo, 1993).

destes órgãos, expressas nas suas publicações e relatórios, giravam em torno das demandas de mão-de-obra, condições de vida e trabalho, valor dos salários pagos nas fazendas, além de organizar as estatísticas de cada setor.

Pouco ou nada informam, no entanto, sobre o imigrante que “escapou” do controle burocrático dos órgãos oficiais de imigração, ou daqueles que, uma vez cumprido o contrato com os fazendeiros, deixaram o interior em busca de novas oportunidades nas cidades vizinhas e na capital ou, simplesmente, fugiam das fazendas. Ouçamos o relato de um destes imigrantes:

Chegamos, [...] pelo antigo trem dos ingleses, à Imigração da Visconde de Parnaíba. Verdadeira Torre de Babel. Centenas de espanhóis, italianos, russos, [...] falando, gesticulando, gritando... mais parecia um “canil”. [...] Levas enormes seguiam nos trens para o interior de São Paulo. [...] Um sobrinho de minha mãe, [...] veio nos buscar. Conhecendo as artimanhas destas situações, e sabendo o que nos esperaria na lavoura, nada agradável – sorrateiramente nos tirou da Imigração, levando-nos para a casa da irmã de minha mãe, já de há muito tempo no Brasil, habitando, por aquela época, à rua Ana Neri, em São Paulo.⁵

Talvez por privilegiarem aquelas fontes, alguns autores, como José de Souza Martins, concluíram que os espanhóis em São Paulo dirigiram-se quase que na totalidade para as áreas produtoras de café no interior, apontando, se não a impossibilidade, pelo menos uma grande dificuldade em recuperar informações sobre as condições de vida e os tipos de trabalhos desempenhados pelos espanhóis nas cidades.⁶ Este autor vai além, ao afirmar que o “silêncio” sobre os espanhóis é quase total, não existindo fontes, estudos, relatórios ou crônicas sobre eles e, que, mesmo os poucos exemplares dos periódicos editados pela colônia que sobreviveram nos arquivos, trazem poucas informações sobre sua presença no Brasil.

Outra justificativa para essa “diluição” dos espanhóis seria a sua tendência à integração, demonstrada pela rapidez com que se “fundiram paulatinamente no cadinho da nacionalidade”, através dos casamentos fora da colônia, do “aportuguesamento” dos nomes de família, ainda que ele fosse um tipo “altivo”, “arrogante” e “com tradição nacional mais

5 Dias, Eduardo. *Um imigrante e a revolução* (Memórias de um militante operário). São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 16. O autor, nascido em Almunhecar, cidade costeira da província de Granada, em 1917, chegou ao Brasil em 1926. Nesta autobiografia, relata suas memórias sobre a travessia, os bairros paulistanos onde viveu a partir de então, suas experiências como operário da indústria vidreira e têxtil, o dia-a-dia e o lazer operários, a militância e os militantes dos meios sindicais e partidários.

6 Martins, José de Souza, op. cit., p. 14.

arraigada”, mesmo quando “plebeu e pobre”, justificados pelo fato de que a “Espanha já teve um império por sobre o qual jamais o sol se deitava”.⁷

Uma questão a ser considerada é a levantada por Avelina Gallego,⁸ sobre as resistências espanholas contra a emigração para outros locais que não as suas colônias (Cuba, Argentina e Porto Rico), além das reiteradas tentativas de combatê-las, expressas por intelectuais, pela população em geral e até pela postura oficial do governo espanhol. Diferentemente da Itália, para quem a emigração “solucionava problemas internos” e era, portanto, “um fato positivo”, o Estado espanhol e também as autoridades consulares no Brasil reprovavam a emigração e os emigrantes, considerando-os “traidores” e “ladrões de sua Pátria”. Para a autora, esta animosidade não poderia gerar o reconhecimento e o empenho, por parte das autoridades espanholas, na defesa dos direitos e a criação de órgãos para amparo e aglutinação destes cidadãos espanhóis em território brasileiro.

Por outro lado, as diferenças regionais e culturais, bem como aquelas provocadas pela guerra civil, parecem ter se mantido também no Brasil, colaborando para a fragmentação da colônia e diminuindo suas chances de ganhar visibilidade e de imprimir suas marcas na sociedade brasileira. De certa forma, estas dissensões foram estimuladas pelo Estado espanhol, como afirma Avelina Gallego, numa tentativa de evitar que, coesos e fortalecidos, os emigrantes do pós-guerra tivessem maior poder de pressão sobre suas entidades representativas.

Se, para os próprios espanhóis, o imigrante simbolizava a pobreza, a derrota e o atraso, as referências ao espanhol no Brasil não foram menos frequentes ou depreciativas. Os jornais e crônicas paulistanos consagraram uma imagem negativa e pejorativa dos espanhóis (e do galego em particular) até para cidadãos comuns, como o Sr. Amadeu, filho de imigrantes italianos, operário metalúrgico e torcedor do Palestra, que ao relembrar o desenvolvimento do futebol em São Paulo afirma: “No Corinthians estava a massa: os pretos e os espanhóis”.⁹ Símbolo do “cobiçoso incansável”, inculto e ignorante, eles representavam “a cara escura do processo imigratório”, com sua miséria e abandono.¹⁰ Esta visão também esteve presente no Brasil e misturava-se com outra, mais jocosa, na qual o espanhol é considerado um boa-vida, jogador inventado, a “torrar” dinheiro nos frontões jogando pelota, cheios de “ardor picaresco”

7 Ellis Jr., Alfredo. *Populações paulistas*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1934, pp. 159-66.

8 Gallego, Avelina Martinez. *Os espanhóis em São Paulo: presença e invisibilidade*. São Paulo, dissertação de mestrado em Ciências Sociais, PUC-SP, 1993, pp. 65-8.

9 Bosi, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T.A. Queiroz, 1983, p. 89.

10 Galicia & America: cinco séculos de História. (Catálogo da exposição) Xunta de Galicia/Conselleria de Relacións Institucionais e Portavoz do Governo/Consello da Cultura Galega, 1992, p. 67.

que os levava a falar demais, contar vantagens e que acabou sendo consagrada na expressão “espanholada”.¹¹ O jogo da pelota foi muito comum em São Paulo pelo menos até os anos 30. Nos bairros e também no centro da cidade existiram vários frontões que promoviam torneios concorridos, a julgar pelas inúmeras propagandas e pelos artigos publicados na grande imprensa contra essas “casas do vício” que atraíam “bêbados e desordeiros”. A influência espanhola também se fez sentir nas animadíssimas touradas e corridas de touros promovidas pelos circos, que sobreviveram até os primeiros anos deste século, explorados por empresários espanhóis.

Considerando estas questões e nos orientando pelos pressupostos de uma História Social atenta a modos de vida, experiências sociais e ao fazer-se dos sujeitos históricos, foi que optamos por outros caminhos. Identificamos fontes e locais de pesquisa que oferecessem a possibilidade de acompanhar as experiências concretas de espanhóis na cidade de São Paulo, no período entre 1890-1930, procurando-os nos espaços de trabalho, nos locais de moradia, nas atividades culturais e associativas, no lazer, na militância, etc. Frente a inexistência de acervos, instituições ou mesmo informações sobre estudos específicos sobre a temática, foi necessário percorrer um longo e sinuoso processo de pesquisa, cruzando bibliografia específica sobre cada um destes temas, seguindo pistas a partir de nomes que poderiam apontar sua origem espanhola, articulando diferentes suportes documentais como crônicas, fotografias, memórias, etc.

Nossas dificuldades foram ainda maiores porque são poucos os trabalhos sobre a cidade de São Paulo, universo e cenário em que buscávamos mapear a atuação destes imigrantes. Mais uma vez, foi preciso “dar conta” desde as crônicas que descreveram a cidade e os seus habitantes até teses mais recentes, nas quais a cidade muitas vezes aparece apenas como “pano de fundo” para análises sobre a industrialização, origens e desenvolvimento do teatro e do cinema, remodelação e modernização urbana além, é claro, da extensa produção sobre o movimento operário e libertário e sobre o processo migratório.

Assim, nossa primeira preocupação foi identificar memórias, crônicas, romances e descrições sobre a cidade de São Paulo e seus habitantes, procurando inicialmente arrolar informações sobre bairros e ruas habitados por espanhóis, referências a tipos de trabalhos, associações, escolas, diversões, etc., identificados com os imigrantes es-

11 Moura, Paulo Cursino de. *São Paulo de outrora* (Evocações da metrópole). São Paulo, Itatiaia/Edusp, 1980, p. 156. Nos dicionários da língua portuguesa este verbete traduz a expressão ou manifestação exagerada, hiperbólica, em geral jactanciosa; fanfarrice. Esta expressão era utilizada para designar também os acontecimentos políticos considerados inconseqüentes ou aventureiros. Outro verbete – “espanhola” –, além de designar a nascida na Espanha, indica o nome dado “à gripe na pandemia de 1918”, que muitas mortes causou em São Paulo e cuja lembrança marcou a literatura daquele período, além da memória dos habitantes da cidade.

panhóis, tentando mapear a sua presença física e cultural na cidade. A partir destas fontes, torna-se possível, também, perceber como eles foram apreendidos enquanto grupo e como se construiu uma imagem do imigrante espanhol e a partir de quais elementos.

Recorrendo a esta documentação, como também a fotografias sobre a cidade, podemos, por exemplo, encontrar os seus espaços de moradia e lazer nos inúmeros cortiços existentes na Mooca, Brás, Belenzinho e Bom Retiro, típicos bairros operários paulistanos do começo deste século. No Brás, os espanhóis moravam nas ruas Caetano Pinto, Carneiro Leão, Gasômetro e no velho Beco do Lucas, onde dividiam cortiços com os italianos.¹² Pode significar alguma coisa o fato de que uma vila na rua Ana Neri, Mooca, habitada exclusivamente por espanhóis, tivesse o sugestivo nome de *La Mierda*? Outras referências, como a concentração de “ibéricos” neste bairro, remetem para o “glorioso Madrid, clube que na década de 40 seria campeão dos campeões da várzea paulistana”,¹³ onde jogavam Manolo e Vega, entre outros.

Os conflitos de rua entre espanhóis e italianos, nos bairros da Mooca e Bom Retiro, são outra referência constante nos relatos memorialistas. As explicações giram em torno do “complexo de inferioridade” dos espanhóis em relação ao “progresso social” dos italianos, os primeiros “crescendo à sombra” dos “rivais” que, a medida que melhoravam de situação, iam se mudando para o Brás.¹⁴

Já as estatísticas elaboradas pelo Departamento Estadual do Trabalho, sobre os acidentes de trabalho na capital, indicam a alta incidência de acidentes envolvendo espanhóis. Do total de estrangeiros vítimas de acidentes de trabalho, os espanhóis representaram 156, ou 9,3%, em 1913; 138, ou 8,6%, em 1914 e 61, ou 5,2%, em 1915, ficando atrás apenas dos italianos e portugueses.¹⁵ Em alguns profissionais como

12 Penteadó, Jacob. *Belenzinho, 1910* (Retrato de uma época). São Paulo, Martins, 1962, p. 57. Trata-se das memórias do autor e de sua família, também eles moradores do Brás, Mooca e Belenzinho, bairros industriais paulistanos com grande concentração de espanhóis. Manuel Diégues Junior informa que os espanhóis concentraram-se também nos bairros da Penha e Vila Matilde, além da área mais industrializada e próxima ao centro da cidade. In: *Imigração, urbanização, industrialização*. Rio de Janeiro, MEC, 1964, p. 174.

13 Dias, Eduardo. op. cit., p. 20. Este clube seria formado basicamente por “carvoeiros da Rua Santa Rosa”, segundo Ebe Reale. *Brás, Pinheiros, Jardins: três bairros, três mundos*. São Paulo, Pioneira/Edusp, 1982, p. 41.

14 Rizzo, Paulo Lício. *Pedro Maneta*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942, p. 3. Este romance retrata as condições de vida e trabalho, os conflitos entre espanhóis e italianos na Mooca e no Brás, a partir da trajetória da família Martínez entre os anos 20 e 30. Ainda que o próprio autor o considere “uma biografia romaneada”, ele é fruto das observações e convivência com a população destes bairros quando encarregado de uma congregação presbiteriana na Mooca.

15 *Boletim do DET*, ano 5, nº 18 (1º trimestre 1916). São Paulo, Typ. Brasil de Rothschild e Cia.,

operários, carroceiros, pedreiros, cocheiros, condutores de bondes, motoristas e trabalhadores (braçais), entre outros, o número de espanhóis acidentados é superior à soma de acidentados nas mesmas atividades, superando também a sua própria proporção sobre o total de acidentados, o que pode indicar a sua concentração nestas atividades.¹⁶ A pesquisa com os registros da Prefeitura para a expedição de matrículas e pontos de trabalho, bem como com as fotografias destes locais, existentes em acervos públicos da cidade, pode informar mais sobre estes aspectos.

Se observarmos os dados disponíveis quanto a internações e/ou falecimentos de imigrantes doentes na Santa Casa de Misericórdia, podemos perceber que os espanhóis mantêm sempre o terceiro lugar, descontados os brasileiros. Na enfermaria da Hospedaria dos Imigrantes, os números relativos a 1908, quando a epidemia de varíola espalhou-se na capital, informam que deram entrada 307 pessoas, das quais 115 eram espanhóis.¹⁷

Quanto ao mercado de trabalho, referências diversas indicam a inserção dos espanhóis nos ofícios menos qualificados, como cocheiros, condutores de bondes, pedreiros, sapateiros, empregados domésticos, vendedores ambulantes, trabalhadores braçais e, particularmente, como carroceiros – atividade carregada de preconceitos. Os serviços de carroceiro, ajudante e carregador atraíam grande parcela dos trabalhadores urbanos, dado o pequeno investimento inicial e pelo fato deles poderem trabalhar independentes, sem vínculo com empresas.¹⁸ O fato dos carroceiros transportarem qualquer tipo de produto, inclusive lixo, talvez explique em certa medida o estigma que pesava sobre os espanhóis.

A grande imprensa e os registros policiais criaram uma imagem destes trabalhadores ligados ao transporte como combativos e violentos, cujas greves paravam toda a cidade, como em julho de 1903, ressaltando sua disposição para participar das greves

1916, p. 22. O analista chama a atenção, na página 13, para o fato de que o decréscimo no número de acidentes era mais uma consequência da “crise que acarretou a diminuição do trabalho e, portanto, (...) das probabilidades de acidentes”, do que a prevenção ou melhoria das condições de trabalho.

16 Cf. Martins, op. cit., p. 14, nota 18.

17 Hutter, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914* (O processo migratório). São Paulo, IEB/USP-CESP, 1986, p. 164. Uma outra fonte são os mapas de doentes entrados e de falecimentos ocorridos na Santa Casa para o período entre 1904-08, discriminados por nacionalidade, pp. 168-77.

18 Cruz, Heloisa de Faria. *Trabalhadores em serviços: dominação e resistência* (São Paulo – 1900/1920). São Paulo, Marco Zero, 1991, pp. 30-31. Esta autora oferece muitas pistas de análise além de referências de fontes que permitem aprofundar estas questões. Todas as considerações sobre a presença dos carroceiros na cidade apoiam-se neste trabalho.

gerais e de quebra-quebras. Para a polícia e grande parte da opinião pública, eles eram “profissionais perigosos”, já que, por dever do ofício, circulavam por todos os bairros e poderiam servir de elementos de comunicação entre os demais trabalhadores da cidade. Nas estatísticas criminais que associam profissão e crime, os carroceiros, junto com os pedreiros e padeiros (outras atividades desenvolvidas pelos espanhóis), são as atividades mais identificadas. Os espanhóis, em todo o período analisado, ocupam também o terceiro lugar nos dados quantitativos referentes a vadiagem, criminalidade e de repatriados pelo Estado brasileiro.¹⁹ Poderíamos pensar que, a partir dessa associação entre profissão *versus* nacionalidade *versus* crimes cometidos, foi possível reforçar, junto com uma imagem mais comum do espanhol violento, do anarquista exaltado e do boa-vida, uma visão desses imigrantes como indesejáveis e escória da cidade?

A necessidade de manter os carroceiros sob os olhares vigilantes da municipalidade e da polícia terminou por produzir uma farta documentação formada por estatísticas, legislação, relatórios, além dos registros de expedição de licenças, em que constam informações sobre a nacionalidade, pontos prefixados pela Prefeitura que nos permitem analisar o volume de trabalhadores envolvidos nestas atividades e a importância do trabalho que realizavam. Através de fotografias da cidade é possível recuperar a grande concentração dos carroceiros nas proximidades dos mercados e feiras livres, onde são flagrados no serviço cotidiano de transporte, como também através dos relatos e descrições sobre a cidade, já que todos se ocuparam destes trabalhadores.

Diversas fontes dão conta de que os espanhóis preferiam trabalhar no comércio (cafés, hotéis, bares, restaurantes, secos e molhados, etc.). Um caminho seria levantar os proprietários de pequenos estabelecimentos comerciais nesses gêneros,²⁰ nos quais os espanhóis predominavam, e também dos seus funcionários, através de registros da Prefeitura como alvarás, lançamento de impostos e estatísticas.

Os espanhóis podem ainda ser encontrados no comércio ambulante (e em outras atividades de trabalho informal), o maior responsável pela circulação de mercadorias na capital, segundo estatísticas da própria Prefeitura, e o meio mais fácil para imigrantes

19 Cf. Fausto, Boris. “Controle social e criminalidade em São Paulo: um apanhado geral (1890-1924)”. In: Pinheiro, Paulo Sérgio (org.). *Crime, violência e poder*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 207.

20 Como o chapeleiro José Tácia com comércio estabelecido à travessa do Comércio, em 1886, ou Maurícia Gilda Villagen, dona de um “bar espelunca” que lhe servia também de residência na rua 25 de março, em 1902. Cf. Fonseca, Guido. *Crimes, criminosos e a criminalidade*, pp. 99 e 104. Outros dados talvez possam ser encontrados no Recenseamento Operário da capital realizado, em 1927, pela Delegacia de Ordem Política e Social, além das denúncias encaminhadas pelos trabalhadores do setor, através do memorial publicado no *OESP*, a 17/8/18, p. 3.

recém-chegados ganharem a vida. Este setor foi objeto de freqüentes tentativas de enquadramento, através da legislação e fiscalização de produtos, como dos largos e praças movimentados, sem esquecer de ruas próximas aos mercados, disputados como pontos de vendas. Seria necessário levantar os assentamentos de matrículas e a expedição de alvarás pela Prefeitura, em que constam a nacionalidade, a localização determinada, o tipo de produto, etc., cruzando com fotografias e descrições destas atividades.

Outras ocupações tradicionalmente associadas aos espanhóis foram a de recolhedor, “ou carrinheiro”, como eram chamados, e a de comerciante de sucatas (garrafas, sacos vazios), metais (chumbo, cobre) e ferro-velho, instalados principalmente nas imediações das ruas Piratininga e Santa Rosa, localizadas no bairro do Brás, mas cuja presença se fazia sentir em todos os bairros da cidade onde passavam coletando materiais, conforme referências de várias fontes. No trabalho com sucatas, muitas fortunas e “impérios” foram construídos; afinal, pergunta Jacob Pentead, “quem nunca ouviu falar no ‘rei do ferro-velho’?”, afirmando que sempre houve “um monarca dessa espécie” no Brás. Muitos também estiveram ligados ao comércio de cereais, nas ruas próximas ao Mercado Municipal, como a Santa Rosa e a Paula Souza, e nas feiras livres de São Paulo. Os espanhóis dominaram ainda o comércio de sacaria, na mesma zona cerealista do Brás.²¹

Valendo-se do recurso a depoimentos orais, Nascimento desenvolve relevante estudo sobre a presença de espanhóis na comercialização de sucatas e no ramo de sacaria em São Paulo. Indicando que, “enquanto atividade estigmatizada como marginal à economia do país, ela se furtou às tabelas estatísticas, aos números e às pesquisas governamentais”, Nascimento recupera a concentração espanhola no tráfico de metais usados via testemunhos orais. Seu estudo enfrenta as dificuldades que envolvem a pesquisa com comércio de sucatas, construindo uma significativa relação entre espanhóis – silenciados na historiografia sobre imigração – e mercância de ferro-velho –, atividade desqualificada por ocupar-se com “objetos sem valor”.

Mais do que se ocupar do mundo do trabalho e dos negócios, das trajetórias de famílias espanholas do comércio de ferro-velho ao desmanche de automóveis, em São Paulo, que acompanhou o estabelecimento da indústria automobilística, Nascimento não perdeu de vista as articulações destas atividades espanholas com a vida da cidade. Questão que consideramos ser necessário aprofundar e diversificar, no sentido de apreender modos de vida, de associação e de expressão cultural de espanhóis em São Paulo,

21 Sobre a tradicional associação entre espanhóis e o comércio de metais usados, ver os trabalhos citados de José Leonardo do Nascimento, pp. 11-20, e Pentead, op. cit., pp. 57 e 229.

atentando para como, historicamente, vivenciaram suas experiências de imigrantes, indissociáveis das relações e dos modos de ser que fizeram a vida urbana de São Paulo.

Estas atividades parecem ter se constituído como domínio exclusivo dos espanhóis na cidade de São Paulo, muitas vezes sendo associadas aos espaços físicos onde se desenvolviam, construindo também uma identidade comum para todos os espanhóis. Guilherme de Almeida registrou suas impressões do “bairro espanhol”, onde predominava o

... cheiro de aniação e de cebola. As sacas abrem as bocas de cereais, bocejam, panudas, empanturradas, nas portas dos armazéns; as résteas escorrem dos tetos, enroscam-se nas paredes sujas, rescendem forte como tranças suadas... Botequins. Em cada botequim, uma mulher de luto no balcão. Em cada mulher de luto, uma cara de cartomante. Pó-de-arroz sem ‘rouge’.²²

No entanto, não podemos descartar ou subestimar a participação de imigrantes espanhóis em inúmeras atividades autônomas, exercidas por conta própria, “tais como saqueiros, cigarreiros, funileiros, remendões, sorveteiros, vendedores de brinquedos, de frutas, além de compradores e revendedores de garrafas, chumbo, metal e cobre”, como também nos informa Jacob Penteadó.

Entre o pessoal contratado pelo governo do Estado, os espanhóis somavam 165 do total de 1.408 estrangeiros distribuídos em diversas empresas, como a Repartição de Água e Esgotos, a Diretoria de Limpeza Pública, o Desinfetório Central, o Instituto Butantã, a Comissão de Saneamento de Santos, etc., em atividades que não exigiam qualificação. É provável que eles possam ser encontrados nas atividades desenvolvidas pela Ligth, tanto nas cocheiras e oficinas como nas obras de expansão dos trilhos, que contratavam diaristas para trabalhos mais pesados, como cavouqueiros, carregadores, capinadores, varredores, pedreiros, etc.

Não se pode deixar de considerar o número aparentemente significativo de trabalhadores espanhóis na construção de ferrovias, como a São Paulo Railway, em que sua presença se faz notar nos velhos álbuns de fotografias e na memória de antigos funcionários que, ainda hoje, lembram deles como operários menos qualificados, assim como os negros, destinados aos trabalhos pesados na limpeza da linha, abastecimento de lenha, marceneiros e, em menor número, como maquinistas, foguistas e operários das oficinas da Mogiana.²³

22 Almeida, Guilherme de. “Cosmopolis”. *OESP*, de 10, 17, 24 e 31 de março; 7 e 21 abril e 5 e 19 de maio de 1929.

23 Martinez, Elda González. “Espanhóis em Brasil: características generales de un fenómeno emigra-

Apesar do que se diz em contrário, muitos empregaram-se mesmo nas fábricas, principalmente naquelas que exigiam menor qualificação ou com trabalhos mais “su-
jos” e pesados, como a fábrica de cimento em Perus, inaugurada em 1926, e a mon-
tadora de veículos General Motors, instalada em 1925, em que encontramos registros
de contratos de trabalhadores de nacionalidade espanhola. Num setor como o têxtil,
aparentemente território dos operários italianos, pudemos encontrar, no levantamento
sobre as condições de trabalho neste setor, realizado em 1912 pelo Departamento Es-
tadual do Trabalho, 338 espanhóis espalhados pelas 33 fábricas visitadas, superados
numericamente apenas pelos italianos, nacionais e eventualmente pelos portugueses.
Chama a atenção o fato deles aparecerem em número razoável em fábricas tradicionais,
como a fábrica Santana de sacaria de juta, de Jorge Street (Brás), a tecelagem Mariân-
gela, propriedade do conde Matarazzo (Brás), o Cotonifício Crespi (Moóca) e a Italo
Brasileira (Brás), entre outras.²⁴

Os trabalhos que relacionam o aumento da população resultante da imigração
com o crescimento da prostituição, vadiagem e da criminalidade, em geral, na cidade
de São Paulo, apresentam dados estatísticos nos quais os espanhóis aparecem à frente
de outras etnias cujas colônias ultrapassavam, em muito, o número e presença destes
na capital. Desde as últimas décadas do século passado, as autoridades policiais já
alertavam para o perigo que “espanhóis e italianos” representavam, pois eram “peritos
no vício”, cometiam toda sorte de crimes, “conseguindo ainda, escapar à ação da
justiça”.²⁵ Os jornais paulistanos partilhavam a opinião da polícia, reforçando a imagem
dos estrangeiros como os responsáveis, não apenas pelo aumento da criminalidade,

torio”. *Ciência e Cultura*, 42(5/6):343, mai.-jun. 1990.

24 *Boletim do DET*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, 1912, pp. 74-5.

Das 33 fábricas arroladas, 31 localizavam-se na capital, uma em Santos e outra em São Bernardo.
O número total de operários era de 11.642, tendo sido recenseados 10.204 em 23 estabeleci-
mentos, sendo 2.648 homens e 6.801 mulheres. Do total de operários recenseados, 7.499 eram
estrangeiros, 1.843 nacionais e 862 de nacionalidade ignorada. Sobre a experiência de trabalho
de um imigrante espanhol numa tecelagem na Mooca, ver a “biografia romanceada”, *Pedro
Maneta*, escrita por Paulo Lucio Rizzo, em 1942.

25 Cf. relatório apresentado ao Presidente da Província de São Paulo pelo Chefe de Polícia João
Augusto P. Fleury, referente ao ano de 1879, p. 8. Apud: Fonseca, Guido. *Crimes, criminosos
e a criminalidade em São Paulo (1870-1950)*. São Paulo, Ed. Resenha Tributária, 1988. Con-
forme este autor, os primeiros dados numéricos sobre a criminalidade são de 1893 e foram
elaborados a partir dos inquéritos policiais remetidos à Justiça e são, portanto, incompletos. De
toda forma, a predominância de estrangeiros é constante (e entre eles os espanhóis ocupam o
3º lugar) até 1904, quando os brasileiros assumem a liderança nas estatísticas criminais.

mas, também, pela introdução em nosso meio de “técnicas e modalidades delituosas, a maioria das quais, desconhecidas entre nós”.

Os estrangeiros estariam, de acordo com estas fontes, mais presentes nos crimes contra a propriedade, latrocínios, furtos qualificados, várias modalidades de “contos do vigário”, delitos contra os “costumes”, como o meretrício, o cáften profissional, as agressões e homicídios. Além disso, as estatísticas apontavam, em 1904, que cerca de 80% do total de pessoas que viviam de esmolas na cidade eram estrangeiros, existindo também os que simulavam pobreza, o que levou as autoridades a tomarem providências legais para expulsar do país esses “parasitas sociais”.²⁶

Muitas vezes a imprensa operária manifestou preocupação com os resultados da angústia provocada pelas dificuldades do viver na cidade em crescimento, que resultava na difusão do alcoolismo entre os trabalhadores, ilustrada pelo exemplo do espanhol Manuel Gazon, de 60 anos, solteiro, com profissão declarada de hortelão, encontrado bêbado e com ferimentos provocados pela queda numa rua central, às 11 horas da manhã. O artigo, publicado na *Folha do Povo* de 14/5/1909, informa ainda sobre o atendimento do trabalhador pelos médicos da Central de Polícia e sua posterior prisão, apontando os perigos do alcoolismo para os trabalhadores, sinônimo de alienação e comprometimento do trabalho.

A prostituição, considerada um “produto” da imigração, foi objeto de preocupação da polícia que organizou, já em 1914, o primeiro cadastramento policial de prostitutas, no qual as espanholas totalizavam 38 mulheres, 8 em 1915, 143 em 1922, e 237 em 1936. Nos romances ambientados na São Paulo das primeiras décadas deste século, bem como nas inúmeras memórias, são freqüentes referências a existência de uma “hermosa hija de Castilla” como caixeirinha no restaurante “Terraço Paulista”, em 1890; ao famoso bordel da Lola, no “nº 15 da Rua São João”; a casa de uma “alcoviteira espanhola”, de nome Santa na Rua Vitória; ao crime violento cometido por Bernardino Barceló y Gomilla, contra Helena Dias, moradora de uma “pensão de mulheres” na Praça da República, sem esquecer que a figura central da novela *Madame Pommery* é uma *cocotte* descendente de ciganos espanhóis e judeus poloneses e traz alguns diálogos em espanhol.²⁷

26 Os dados sobre criminalidade estão em Fonseca, Guido, op. cit., pp. 51-8.

27 O autor desta novela é Hilário Tácito, pseudônimo de José Maria de Toledo Malta, editada pela primeira vez em 1920, pela Revista do Brasil (São Paulo, Biblioteca Academia Paulista de Letras, vol. 6, 1977). As demais referências estão em Fonseca, Guido. *História da prostituição em São Paulo* (São Paulo, Resenha Tributária, 1982, pp.186-187 e 204). Ver, também: Raffard,

Constitui um capítulo à parte a intensa militância de imigrantes espanhóis no movimento libertário, durante os primeiros anos deste século, na cidade de São Paulo, expressa pelo número de periódicos publicados em língua espanhola e de sociedades mantidas pela colônia espanhola. Nomes como o do militante anarquista Primitivo Soares²⁸ (que usava pseudônimo de Florentino de Carvalho) são lembrados até hoje e parecem não ter constituído uma exceção. Fundador e diretor do periódico *A Obra* e colaborador de diversos outros, como *A Plebe*, *Voz do Povo*, *A Rebelião* e *Germinal*, ele foi ainda autor de vários livros, inclusive sobre teoria libertária. Aliás, toda a família Soares teve importante atuação no movimento dos trabalhadores de então, destacando-se as suas irmãs Maria Angelina e Maria Antônia, ambas militantes, fundadoras e dirigentes de grupos de cultura social e associações feministas, professoras de escolas anarquistas e artistas do teatro amador. Outras mulheres participaram ativamente do movimento anarquista, atuando também no teatro amador de propaganda, como Esmeralda Barrios, Nena Valverde, Candida Alarcón, Mercedes Solé e Nieves Simón, apenas na cidade de São Paulo.²⁹

Outro nome conhecido nos meios partidários é o de Everardo Dias, gráfico, tipógrafo d'*OESP*, militante anarquista desde 1910 e diretor do periódico *O livre pensador*. Conheceu pessoalmente os velhos militantes anarquistas e participou ativamente das greves operárias da década de 10, atestando a intensa troca de correspondência e de literatura entre estes grupos e as editoras espanholas Francisco Sempere e F. Granada, sediadas em Valência e Barcelona. Participante dos centros de discussão libertária, relembra que os espanhóis se reuniam em salões nas ruas do Gasômetro ou Rangel Pestana, no Brás.³⁰

Henrique. *Alguns dias na Paulicéia*. São Paulo, Biblioteca Academia Paulista de Letras, vol.4, 1977, p. 16; Marques, Cícero. *De pastora a rainha* (São Paulo, Ed. da Rádio Panamericana, 1944).

28 Primitivo Raimundo Soares nasceu em Oviedo em 1871 e emigrou ainda criança para o Brasil. Preso durante a greve geral de 1917, quando integrou o Comitê de Defesa proletária, órgão coordenador da luta, refugiou-se na Argentina, de onde foi expulso e retornou clandestino ao Brasil, onde morreu em 1947. Cf. Hardman, Francisco Foot e Prado, Antonio Amoni (orgs.). *Contos anarquistas*. Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935). São Paulo, Brasiliense, 1985, pp. 127-8.

29 Correia, Francisco. "Mulheres libertárias: um roteiro". In: Prado, Antonio Amoni (org.). *Libertários no Brasil* - memórias, lutas, cultura. São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 44-6. A residência da família Soares na rua Bresser - Brás, para onde mudaram-se em 1914, vindos de Santos, transformou-se rapidamente em "pousada de anarquistas ... desempregados, ... ponto de encontros, reuniões, redação de jornais anarquistas, sala de aula para alfabetização e de anarquismo", até 1923, quando se mudaram para o Rio de Janeiro. Correia, op. cit., p. 58.

30 Everardo Dias nasceu na Espanha em 1885 e chegou ao Brasil dois anos depois. Após a greve de

A existência de grupos amadores de teatro representando em língua espanhola, mantidos por ligas operárias ou associações da colônia, como a Federação Espanhola, o Centro Espanhol ou o Grupo Dramático Cervantes, por exemplo, foi muito comum e atuante nos bairros predominantemente operários, como o Brás. Ainda que no repertório destes grupos predominasse a preocupação com a formação política, eles encenavam também operetas e melodramas, eram extremamente organizados e produtivos, chegando a encenar uma peça por semana. A divulgação destas peças era feita não apenas através da imprensa operária, como oralmente, nas fábricas e reuniões operárias. Alguns imigrantes espanhóis, como Felipe Morales e Marino Spagnolo, destacaram-se como autores de peças teatrais, encenadas nos salões da colônia e também nas datas do movimento operário.³¹

A frequência com que as peças teatrais anarquistas eram encenadas e representadas em língua espanhola, por ocasião das comemorações do 1º de Maio, pôde indicar não só a importância numérica da colônia como o seu peso no movimento operário do início do século. No programa-convite para a festa comemorativa do 1º de Maio de 1919, no salão Celso Garcia, por exemplo, consta a indicação de que as peças *Primeiro de Maio*, do escritor e militante italiano Pietro Gori, e um “drama social” em 3 atos, intitulado *Arlequin, el selvage*, seriam encenadas em espanhol.³²

Estas sociedades teatrais estão nas origens do cinema produzido na cidade de São Paulo, desenvolvendo-se junto com ele e formando artistas, diretores e cinegrafistas. Um dos pioneiros e maior empresário na área de cinema em São Paulo foi justa-

1917 foi expulso do país retornando em 1920, quando escreve *As memórias de um exilado: episódio de uma deportação e Bastilhas modernas: 1924-26*, sobre a deportação de militantes anarquistas para o Amapá. Cf. Hardman, Francisco Foot e Prado, Antonio Arnoni, op. cit., pp.126-7. Suas memórias foram reunidas no livro *História das lutas sociais no Brasil*, publicado em 1962, três anos antes de sua morte. As informações acima citadas se encontram nas páginas 10 e 43.

31 Felipe Morales era sapateiro e militante conhecido nos meios operários paulistanos, tendo falecido em 1923 aos 60 anos. Escreveu *Los conspiradores*, uma crítica às tentativas policiais e governamentais de criar falsos complôs que justificassem repressões e deportações de operários. Esta peça, encenada pela primeira vez em 1905, parece ter sido sucesso, já que foi traduzida para o italiano e montada posteriormente muitas vezes em diversos salões. Marino Spagnolo foi vidreiro, alfaiate e figura de projeção, tendo presidido várias associações de classe no Belenzinho. Autor, entre outras, da peça “Bandeira proletária”, encenada pela primeira vez no salão das Classes Laboriosas, em 1922. Cf. Lima, Mariangela Alves de e Vargas, Maria Thereza. “Teatro operário em São Paulo”. In: Prado, Antonio Arnoni, op. cit., pp. 238-42.

32 São Paulo (Cidade). *1890-1990: cem vezes primeiro de maio*. São Paulo, SMC/Departamento do Patrimônio Histórico, 1990, p. 57. Nesta publicação podem ser encontradas outras indicações de programas, atividades ou da participação de entidades vinculadas à colônia espanhola, nos cem anos de comemorações do 1º de Maio na cidade de São Paulo.

mente o espanhol Francisco Serrador que, desde 1905, exibia filmes como ambulante e conseguiu montar a primeira sala fixa de exibição de fitas na capital, batizada “Eldorado”. Proprietário dos cinemas Eldorado, Bijou, Bijou Theatre, e dos teatros Radium e Íris, este empresário montou, a partir de 1909, a Companhia Serrador, iniciando a produção de filmes “cantantes”, muitos deles interpretados em espanhol pelos cantores Claudina Montenegro e Santiago Pepe, espanhóis radicados na cidade.

Outro que fez carreira no cinema foi José Medina, descendente de espanhóis, fotógrafo, artista de teatro amador e proprietário de uma casa de pinturas. Em 1916 associou-se a Gilberto Rossi, conhecido diretor e proprietário de escola de cinema, com quem formou a “Rossi Film”, produzindo filmes “posados”, naturais, de propaganda e jornais para divulgação das realizações do governo Washington Luís. Este cinema, produzido em São Paulo, nasceu no Brás, feito em boa parte por estrangeiros, artistas de teatro, mas também artesãos, barbeiros, torneiros e funcionários públicos, de maneira improvisada em fundos de quintais, em poucas horas, “marginal por definição”.³³

Ainda importa destacar a intensa repercussão das concepções desenvolvidas por Francisco Ferrer y Guardia quanto à definição e organização das Escolas Livres anarquistas no Brasil, nas quais eram chamadas Escolas Modernas. O nome deste libertário espanhol transformou-se em bandeira de luta na campanha pró criação de escolas anarquistas, após seu assassinato em 1909, denominando também associações criadas pelos trabalhadores. A cada ano o movimento libertário, tanto na capital quanto no interior, comemorou o dia 13 de outubro cultuando sua lembrança com discursos e comícios em praça pública, reafirmando seus ideais de liberdade e divulgando o programa das escolas.

As primeiras Escolas Modernas fundadas em São Paulo localizaram-se no bairro do Brás, em 1912 (Av. Celso Garcia, 262; Rua Maria Joaquina, 13), não por acaso um bairro com grande concentração de imigrantes espanhóis. As Escolas Modernas, além da instrução e educação dos filhos de trabalhadores, transformaram-se em polos de divulgação libertária, através da publicação de boletins e do incentivo a práticas culturais como conferências, apresentações de poesias, bandas e orquestras, além de bailes.³⁴

33 Galvão, Maria Rita. *Crônica do cinema paulistano*. São Paulo, Ática, 1975, pp. 18-54; os vários depoimentos coletados pela autora fazem referências a atores espanhóis ou possivelmente descendentes como João Cypriano, encanador e ator; Francisco Garcia, trabalhava com ferro velho, ator, aluno da escola de cinema “Azzuri”; família Collado (Philomeno, Inocencia, Rafaela, Traversa) e Benedito Ortiz, entre outros. As informações sobre o cinema e o teatro em São Paulo referem-se todas a esta fonte.

34 Sobre as Escolas Modernas ver: São Paulo (Estado). *Boletim da Escola Moderna*. Suplemento sobre a obra de Ferrer (edição fac-símile) (São Paulo, Arquivo do Estado/SEC/Centro de Memória

Ao lado de sua intensa participação nas atividades teatrais, cinematográficas e educacionais, é pelo número de jornais e associações espanholas que se pode apreender mais que a presença de espanhóis em São Paulo, sua produtiva e dinâmica vida social e cultural. Além dos periódicos com diversificada gama de interesses, destaca-se a proliferação de associações de socorros mútuos,³⁵ de interesses culturais e assistenciais, que sinalizam o caráter gregário e organizativo dos espanhóis em meio a suas divergências, dissensões e contendas internas, ou em relação aos poderes governamentais. As múltiplas formas de criação de folhas periódicas e de associações trazem a tona os modos de ser dos espanhóis, expressam aspectos da vida cotidiana, os pequenos eventos e preocupações do grupo.

O arrolamento de periódicos publicados em língua espanhola e das diversas associações existentes na cidade, dos quais encontramos referências, apontam a pluralidade de espaços e relações sociais ocupados pelos espanhóis em São Paulo.

IMPrensa

1. Alborada – órgão de la Casa de Galicia e posteriormente da Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mutuos, Instrucción e Recreo (*ainda é editado*)
2. Boletín de la Sociedad Española de Socorros Mutuos e Instrucción (1902)
3. Democracia Española – publicación quincenal al servicio de la colectividad residente en el Brasil (1953)
4. Diário Castelhana – periódico del Brasil para las Américas (1948)
5. Eco del Braz (1904)
6. Ecos da Terra (déc. 60)
7. El Correo Español (1891)
8. El grito del Pueblo (defensor de los intereses del proletariado)
9. España – las Provincias (déc. 60)
10. España – órgano oficial de la Casa de España (déc. 60)
11. Gaceta Hispana– órgano de vinculación Hispano-Brasileña (1936)

Sindical, 1991); Tragtenberg, Maurício, “Francisco Ferrer e a pedagogia libertária”. *Educação e Sociedade*, 1(1):17-49, 1978. A referência a um “Círculo dos Estudos Sociais Francisco Ferré” (sic) em São Paulo, participando ativamente das comemorações do 1º de Maio em 1914, está em *1890-1990: cem vezes primeiro de maio*, p. 106.

35 Parte das informações sobre as mutuais mantidas por espanhóis em São Paulo, até a década de 30, encontra-se em: Luca, Tânia R. de. *O mutualismo em São Paulo: o sonho do futuro assegurado*. São Paulo, FFLCH/USP, dissertação de mestrado em História, 1988, p. 313. As outras referências sobre associações e imprensa estão em Gallego, Avelina Martínez, op. cit., pp. 28-59.

12. Gaceta Hispanica del Brasil (déc. 60)
13. Intercambio Hispano-Brasileiro – órgano de la Cámara de Comércio Española en Brasil (1930?....)
14. La Gaceta Española (1897)
15. La Iberia– órgano defensor de la colonia española
16. La Nación– periodico español (1929?)
17. La voz de España – órgano de la colonia española de San Pablo; publicación quincenal gráfica y literaria (1900)
18. La voz de España – Diario español (1898)
19. Las provincias – órgano de la coletividad española en San Pablo y su estado (déc. 60)
20. Prensa Hispanica – semanario independiente (déc. 60)
21. Prensa Hispano-Brasileira (déc. 60)
22. Prensa Hispano-Brasileira – periódico independiente, escrito en castellano (1960)
23. Revista Española Ilustrada (1917?)
24. Revista Hispano-Americana (1952)
25. Revista Nuevas de España (déc. 60)
26. Tribuna Española – semanario español (?)
27. Tribuna Hispanica – semanario español (déc. 60)

ASSOCIAÇÕES

1. Agrupación Julian Besteiro ou Asociación Cultural Julian Besteiro (*ainda atuante*)
2. Agrupación Pablo Iglesias
3. Asociación Nuestra Señora del Pilar
4. Casa de Aragón, Rioja y Navarra (1961)
5. Casa de Cervantes
6. Casa de España de São Paulo (1918)
7. Casa de Galicia-Hogar Español (1955)
8. Casa de Valencia (1956)
9. Centro Asturiano (1961)
10. Centro Catala
11. Centro Cultural Garcia Lorca (1968 e *ainda atuante*)
12. Centro de Cultura Social (1933 *ainda atuante*)
13. Centro Democrático Espanhol de São Paulo (1964-1975)
14. Centro Dramático Cervantes (1910 a 1923) e depois como Grêmio Dramático Cervantes (1924 a 1932) até a década de 60?

15. Centro Espanhol (?)
16. Centro Galego (1903-1909?) reaparece em 1932 permanecendo ativo até ser transformado em Centro Democrático Galego em 1954
17. Centro Recreativo Andaluz
18. Centro Republicano Espanhol (1909-1940?)
19. Centro Unión Catala (déc. 20?)
20. Centro Unión Española (1919)
21. Centro Vasco Guernica Kutun
22. Círculo Cervantino
23. Circulo Dramático Isaac Peral (1923-1932)
24. Circulo Espanhol (1924)
25. Federação Espanhola (1916-1939?)
26. Grupo Artístico Ibérico (1923)
27. Grupo Dramático Hispano-Americano (1930-196?) fundiu-se com a Casa de Espanha
28. Grupo Montserrat de São Paulo
29. Instituto Regional Valenciano (1969)
30. Liceu Español (1903?)
31. Liga Española de Defensa Mutua (?)
32. Liga Patriótica Española (1899?)
33. Logia Unión Española (1914)
34. Logia XX de Setembro (1923)
35. Sociedade Beneficência Espanhola (1922)
36. Sociedade Beneficente Espanhola de São Paulo (1910)
37. Sociedade Beneficente Rosalía de Castro (1984 *ainda atuante*)
38. Sociedade Espanhola de Socorros Mutuos (1898)
39. Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mutuos, Instrução e Recreio (é a mesma acima *ainda atuante*)
40. Unión Hispano-Brasileira (1936)

A partir deste levantamento inicial, acreditamos que as dificuldades em localizar registros e evidências sobre os espanhóis na cidade de São Paulo, sinalizadas por diversos pesquisadores, decorrem de um olhar viciado e de formas convencionais de tentar situá-los historicamente. Para descobri-los, é preciso quebrar a lógica dos grandes marcos, dos eventos político-partidários e buscá-los nos espaços e situações concretos do dia-a-dia. Para tanto, pode-se recorrer a crônicas, memórias, notícias, jornais, atas e relatórios de associações e fotografias, já localizados e acessíveis nas diversas insti-

tuições pesquisadas, além de depoimentos orais. Ao contrário de fontes históricas tradicionais, as fontes orais permitem recolher a fala do homem comum e de grupos excluídos de uma história oficial. Através desses depoimentos, pode-se resgatar fragmentos da memória da imigração espanhola em São Paulo e a forma como esses sujeitos rememoram e refazem, hoje, suas experiências, conflitos, expectativas e frustrações, ou como se construiu ou não sua identidade como imigrantes na cidade.

Neste texto, procuramos apresentar os primeiros resultados do levantamento realizado nos arquivos paulistanos e indicar as possibilidades de pensar a realização deste projeto sob múltiplos recortes temáticos: lazer, trabalho, associações culturais e educacionais, etc. Estas questões podem ser enfrentadas nos dois momentos distintos que marcaram a imigração espanhola para São Paulo. O primeiro, que vai das últimas décadas do século XIX até os anos 30 deste, coincide com a chegada de outros grandes contingentes de imigrantes europeus, que engrossaram o mercado de trabalho industrial, participaram da urbanização e experimentaram as tensões sócio-culturais que caracterizaram a cidade de São Paulo como *urb* moderna. O segundo, iniciado com a chegada dos refugiados da Guerra Civil Espanhola, cresce com a Segunda Guerra Mundial e se intensifica na década de 50, caracterizando-se pela escolha da capital paulista em razão da diversificação e maior tecnificação do seu parque industrial, assim como das facilidades abertas pelo acordo Brasil-Espanha, através da Comissão Intergovernamental para as Migrações Européias-CIME. O projeto "Espanhóis em São Paulo: modos de vida e experiências de organização", em qualquer um dos dois períodos delimitados, pode ter múltiplos tratamentos e oferece diferentes possibilidades de enfoques e abordagens, que pretendemos definir com maior precisão no decorrer da análise e fichamento do material já identificado.